

COTIDIANO DA ESCOLA

“ATÉ AS MENINAS ESTÃO SEM BLUSA?!”

DESCOBERTAS DO CORPO

NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Fernanda Theodoro Roveri*

Durante um curso de formação de professores que ministrava em Campinas-SP, em 2012, discutíamos a temática das relações de gênero na primeira infância. Uma das participantes, ao narrar sua experiência profissional, contou-nos que costumava deixar as crianças ficarem sem camiseta durante os momentos de brincadeiras. A seu ver, essa prática significava tanto o conforto quanto, principalmente, uma experiência de liberdade. Aquele relato instigou-me, pois era o momento em que eu realizava a pesquisa de doutorado sobre as roupas infantis e a educação do corpo. Ademais, eu também lecionava na educação infantil na rede municipal de Campinas, com crianças de 03 a 06 anos de idade.

Podemos pensar a roupa, conforme propõe Daniel Roche (2000), como um artefato da cultura material que educa nossos corpos. Desde pequenas, as crianças são vestidas de acordo com referenciais de masculinidade e de feminilidade. As roupas dos meninos, por exemplo, costumam ser feitas em cortes mais amplos, permitindo a movimentação do corpo. Já no vestuário das meninas, há uma gama de detalhes como laços, fitas, apliques, rendas, fechos, golas, franzidos, babados, brilhos etc., os quais sobrecarregam seus corpos e limitam os movimentos (SOARES e ROVERI, 2013). Com esses “enfeites”, elas aprendem que devem encantar e seduzir.

A roupa também antecipa, nos corpos infantis, elementos que distinguem o masculino e o feminino: aos meninos valorizam-se os ombros e, às meninas, preenche-se o peito com babados, afinam a cintura com laços e realçam as nádegas (LURIE, 1997). Outro elemento é o

*Doutora em Educação pela Unicamp e professora de educação infantil da rede municipal de Campinas-SP. Autora do livro: *Barbie na educação de meninas: do rosa ao choque*, pela editora Annablume, SP.

bojo, presente em vestidos, blusas e até mesmo em sutiãs infantis. A sociedade e as mídias projetam imagens idealizadas de corpos masculinos e femininos e, por meio delas, as crianças aprendem a enxergar-se como adultos, homens ou mulheres.

O uniforme escolar da rede municipal onde trabalho é feito em corte amplo, de cor azul e composto por calça, bermuda e camiseta, para os dois sexos. Algumas famílias contaram-me que suas filhas relutam em vesti-lo, pois estão acostumadas apenas com roupas de cor rosa. A estratégia dessas famílias é acrescentar excessivos acessórios brilhantes e rosados (pulseiras, colares e maquiagem), a fim de “compensar” uma suposta falta de “feminilidade” do uniforme.

A partir dessas reflexões, considerei importante elaborar práticas que favorecessem as experiências e as descobertas das crianças com seus corpos. Por isso, a ideia de instigar, nas meninas e nos meninos, o desejo e a escolha de ficarem sem camiseta durante as brincadeiras, parecia-me uma maneira de possibilitar o conforto, a liberdade e outros modos de viver a infância.

Tendo em vista esse objetivo, eu precisava provocar, intencionalmente, uma situação para as crianças sentirem vontade de ficar sem camiseta na escola, já que, até aquele momento, essa não era uma prática comum em nosso cotidiano. Aproveitei um dia de calor e combinamos que brincaríamos com água e lama no parque.

Naquele momento, os três amigos, Bárbara, Rafael e Nicolás, se divertiam no gira-gira com baldes cheios de água. Os dois meninos molharam as camisetas e vieram procurar-me, com medo de levarem uma bronca. Aproveitei o ocorrido e sugeri: “Vocês preferem ir até a sala trocar a camiseta ou querem ficar sem blusa? Podemos pendurar aqui na cerca do parque para secar...” A resposta foi imediata: “Queremos ficar sem camiseta!”. Rapidamente, eles voltaram à brincadeira e dirigiram-se à colega, mostrando os peitos nus: “Olha, Bárbara, a gente é homem e tá sem camisa!”. Foi nítido o olhar resignado de Bárbara e, como eu estava por perto, fiz uma interferência, explicando que eles não eram homens e que a Bárbara também não era mulher, mas sim que eram crianças e que todas as meninas e os meninos podiam brincar sem camiseta. Conversamos sobre nossos corpos, de crianças e de adultos, sobre homens, mulheres, peitos, seios, sutiã...

A brincadeira continuou e, de longe, vi que Bárbara disfarçou e, propositadamente, molhou a si própria com o balde. Aproximou-se de mim, com o rosto abaixado e disse: “professora, molhou...”. Então, eu lhe sugeri a mesma coisa: “Você prefere ir até a sala e

trocar a camiseta ou quer tirar e pendurar na grade do parque?”. Sua resposta também foi imediata: “Quero ficar sem camiseta!”. Animada, Bárbara correu até os meninos, mostrando-lhes o peito: “Olha, Nicolás e Rafael, agora eu sou do seu time!”. E a brincadeira continuou.

As crianças respondem de uma forma que nos surpreendem. Se ao mesmo tempo trazem valores, crenças, conceitos e representações aprendidos socialmente, também são capazes de subverter as normas. De longe, era possível ver três crianças que se libertavam de estereótipos e brincavam “no mesmo time”. Mas e as outras? Como reagiram? E os adultos da escola? E as famílias? Em pouco tempo, duas meninas aproximaram-se e perguntaram-me: “Até a Bárbara está sem camiseta?!” Eu também lhes expliquei sobre o corpo das crianças e dos adultos e disse que poderiam tirar a blusa se quisessem. Mas, naquele momento, não tiveram coragem.

No dia seguinte, Bárbara, Nicolás e Rafael quiseram tirar a camiseta novamente. Vendo isso, outra menina sentiu-se confiante e também manifestou sua vontade, até que uma a uma - e enfim todas as crianças! - brincaram sem camiseta. A reação das crianças foi mágica, como se estivessem se livrando de um peso colocado sob seus corpos. Riam, corriam e descobriam, umas nas outras, peitos, barrigas, costas, manchas de nascença, pintas, cicatrizes, gordurinhas, umbigos de todo jeito... Mistérios que ficavam escondidos debaixo das roupas. A diversão se completou com a “chuvinha” que fiz com a mangueira d’água.

Esse relato consiste em uma experiência de descobertas construída junto com as crianças, a partir de um processo de reflexão sobre a infância e a educação do corpo. Esse percurso de investigação e ação encorajou-me a enfrentar qualquer discurso repreensivo, principalmente dos que associam essa prática ao perigo da pedofilia. Com firmeza e segurança, consegui que os profissionais da escola e os familiares entendessem que as crianças se sentiam livres e não tinham mais vergonha, pois percebiam a si mesmas como crianças e não como homens ou mulheres. Essa percepção colabora para que o tempo da infância não seja encurtado.

Em poucos dias, as crianças de outras turmas também queriam brincar conosco sem as camisetas. De longe, era possível ver as grades do parque repletas de blusas penduradas, como se fossem estandartes de nossa vitória.

Referências

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XVIII**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

ROVERI, Fernanda Theodoro. **Criança, o botão da inocência: as roupas e a educação do corpo infantil nos “anos dourados”**. 2014. 190f. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2014.

SOARES, Carmen Lúcia, ROVERI, Fernanda Theodoro. **Entre laços, rendas e fitas, onde estão os botões? As roupas de crianças e a educação do corpo** (década de 1950). ArtCultura (UFU), v. 15, p. 153-168, 2013.